



LIVROS e FILMES SUGERIDOS PARA O SSA 1 1/2026 TRIÊNIO
2023/2025 (2023)

1. GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu & Cartas Chilenas*. São Paulo: Ática, 2019. (Série Bom Livro).
2. MATOS, Gregório de. *Poemas Escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Seleção e organização José Miguel Wisnik).
3. MIRANDA, Ana. *Boca do inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Edição Comemorativa).
4. MUNDURUKU, Daniel. *O Karaíba: uma História do pré-Brasil*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2018.
5. OLIVIERI, Antonio Carlos; VILLA, Marco Antonio (Orgs.). *Cronistas do Descobrimento*. São Paulo: Editora Ática, 2019. (Série Bom Livro).
6. VICENTE, Gil. *Autos e farsas de Gil Vicente*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. (Clássicos da Literatura – Versão Escolar).

1. GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu & Cartas Chilenas*. São Paulo: Ática, 2019. (Série Bom Livro).

Estrutura da Obra

Composta de 13 cartas, as *Cartas Chilenas* foram escritas por Tomás Antônio Gonzaga, através do pseudônimo Critilo.

Ele escreve para seu amigo Doroteu, que na realidade é o escritor arcade [Cláudio Manuel da Costa](#).

A obra é composta de versos decassílabos (dez sílabas poéticas) e [brancos](#) (sem rimas). A linguagem utilizada é satírica, irônica e, por vezes, agressiva.

Personagens da Obra

Critilo é a emissor das cartas, e Doroteu o receptor. Além deles, o texto faz referência ao Fanfarrão Minésio: governador do Chile.

Análise da Obra

Cartas Chilenas revelam por meio de um tom satírico problemas relacionados com o contexto em que foram escritas.

Assim, a obra aponta temas que estavam evidentes no período da [Inconfidência Mineira](#).

São eles: injustiça, corrupção, tirania, abusos de poder, administração do governo, cobrança de altos impostos, narcisismo dos governantes e casos de nepotismo.

O foco central da obra é revelar a corrupção de Luís da Cunha Meneses, governador da Capitania de Minas Gerais. Ele governou o Estado entre os anos de 1783 e 1788.

Nas cartas, ele é referenciado como o “Fanfarrão Minésio”.

Resumo das Cartas

Seguem abaixo os subtítulos (em itálico) e o resumo dos temas encontrados em cada carta:

Carta 1.^a: *Em que se descreve a entrada que fez Fanfarrão em Chile*. Descrição da chegada do governador.

Carta 2.^a: *Em que se mostra a piedade que Fanfarrão fingiu no princípio do seu governo, para chamar a si todos os negócios*. Descrição sobre a centralização dos negócios do governo.

Carta 3.^a: *Em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão executou por causa de uma cadeia, a que deu princípio*. Descrição das injustiças governamentais.

Carta 4.^a: *Em que se continua a mesma matéria*. Descrição de injustiças e violências do governador.

Carta 5.^a: *Em que se contam as desordens feitas nas festas que se celebraram nos desposórios do nosso sereníssimo infante, com a sereníssima infanta de Portugal*. Festa de casamento do governador.

Carta 6.^a: *Em que se conta o resto dos festejos*. Descrição sobre as confusões causadas na festa de casamento.

Carta 7.^a: Sem subtítulo, a sétima carta aponta sobre as decisões do governador fanfarrão.

Carta 8.^a: *Em que se trata da venda dos despachos e contratos*. De maneira irônica, o autor descreve sobre as corrupções do governador.

Carta 9.^a: *Em que se contam as desordens que Fanfarrão obrou no governo das tropas*. Descrição das desordens do governo.

Carta 10.^a: *Em que se contam as desordens maiores que Fanfarrão fez no seu governo*. Como sequência da nona carta, o autor descreve as maiores desordens do governo.

Carta 11.^a: *Em que se contam as brejeirices de Fanfarrão*. Descrição dos métodos maliciosos do governador.

Carta 12.^a: Sem subtítulo, a décima segunda carta aponta para o nepotismo do governo, ou seja, o favorecimento de pessoas próximas ao governador.

Carta 13.ª: Sem subtítulo, a última carta ficou inacabada. No trecho existente, o autor escreve sobre o sistema e a perversidade do governo.

Confira a obra na íntegra, fazendo o download do pdf aqui: [Cartas Chilenas](#).

Trechos da Obra

Para compreender melhor a linguagem utilizada por Tomás Antônio Gonzaga, confira abaixo alguns trechos de cada uma das *Cartas Chilenas*:

Carta 1

“Amigo Doroteu, prezado amigo,
Abre os olhos, boceja, estende os braços
E limpa, das pestanas carregadas,
O pegajoso humor, que o sono ajunta.”

Carta 2

“As brilhantes estrelas já caíam
E a vez terceira os galos já cantavam,
Quando, prezado amigo, punha o selo
Na volumosa carta, em que te conto”

Carta 3

“Que triste, Doroteu, se pôs a tarde!
Assopra o vento sul, e densa nuvem
Os horizontes cobre; a grossa chuva,
Caindo das biqueiras dos telhados”

Carta 4

“Maldito, Doroteu, maldito seja
O vício de um poeta, que, tomando
Entre dentes alguém, enquanto encontra
Matéria em que discorra, não descansa.”

Carta 5

“Tu já tens, Doroteu, ouvido histórias
Que podem comover a triste pranto .
Os secos olhos dos cruéis Ulisses.
Agora, Doroteu, enxuga o rosto,
Que eu passo a relatar-te coisas lindas.”

Carta 6

“Eu ontem, Doroteu, fechei a carta
Em que te relatei da igreja as festas .
E como trabalhava, por lembrar-me
Do resto dos festejos mal descalço.”

Carta 7

“Há tempo, Doroteu, que não prossigo
Do nosso Fanfarrão a longa história.
Que não busque cobrí-los com tal capa,
Que inda se persuada que os mais homens”

Carta 8

“Os grandes, Doroteu, da nossa Espanha
Têm diversas herdades: uma delas
Dão trigo, dão centeio e dão cevada,

As outras têm cascatas e pomares,
Com outras muitas peças, que só servem,
Nos calmosos verões, de algum recreio.”

Carta 9

“Agora, Doroteu, agora estava
Bamboando, na rede preguiçosa
E tomando, na fina porcelana,
O mate saboroso, quando escuto
De grossa artilharia o rouco estrondo.”

Carta 10

“Quis, amigo, compor sentidos versos
A uma longa ausência e, para encher-me
De ternas expressões, de imagens tristes,
A banca fui sentar-me, com projeto.”

Carta 11

“No meio desta terra há uma ponte,
Em cujos dois extremos se levantam
De dois grossos rendeiros as moradas;
E, apenas, Doroteu, o sol declina.”

Carta 12

“Aquele que se jacta de fidalgo
Não cessa de contar progenitores
Da raça dos suevos, mais dos godos;
O valente soldado gasta o dia
Em falar das batalhas, e nos mostra
Das feridas, que preza, cheio o corpo;”

Carta 13

“Ainda, caro amigo, ainda existem
Os vestígios dos templos suntuosos
Que a mão religiosa do bom Numa
Ergueu o Marte e levantou a Jano.”

Para entender a obra de Gregório de Matos é preciso conhecer o contexto histórico no qual ele está inserido, uma vez que grande parte de sua poesia (principalmente a satírica) faz alusão a duas de sua...

Leia mais em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/gregorio-de-matos-poemas-escolhidos-analise-da-obra-de-gregorio-de-matos/>

Leia mais em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/gregorio-de-matos-poemas-escolhidos-analise-da-obra-de-gregorio-de-matos/>

3. BOCA DO INFERNO, DE ANA MIRANDA

Romance histórico, *Boca do Inferno* é o primeiro romance de Ana Miranda e foi publicado em **1989**. Foi traduzido nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Espanha, Suécia e Holanda, entre outros países.

Na Bahia, em plena efervescência mercantilista do século XVII, Ana Miranda restaura os cacós de um país popularmente tido como pacífico, substituindo essa mentira calcificada por uma de caráter ficcional, mais em sintonia com a verdade histórica. O assassinato do alcaide-mor é mero pretexto fabular para dividir em dua a sociedade baiana de então: perseguidores e perseguidos.

Foco narrativo _____

Romance escrito em 3ª pessoa

Boca do Inferno é um livro escrito por Ana Miranda que segue a história de uma jovem chamada Marta, que se muda com sua família para uma pequena cidade no interior do Brasil. A mudança é um desafio para Marta, que precisa se adaptar à nova vida e lidar com as diferenças culturais.

Ao longo da história, Marta conhece vários personagens interessantes, incluindo o misterioso e atraente Zé Augusto.

Gregório de Matos: Poeta boêmio e irreverente, conhecido como Boca do Inferno, é o protagonista da história. É um personagem complexo, que oscila entre o amor e o ódio pelos seus contemporâneos e pela sociedade em que vive.

Luísa: Filha de um rico comerciante, Luísa é a musa inspiradora de Gregório. Ela é retratada como uma mulher culta e inteligente, que se apaixona pelo poeta e o ajuda a enfrentar as dificuldades da vida boêmia.

Padre Antônio Vieira: Jesuíta português que se torna um dos principais defensores dos índios e dos escravos na Bahia do século XVII. É retratado no livro como um homem de grande erudição e de ideias avançadas para a época.

Dona Maria Luísa: Esposa do governador da Bahia, é uma mulher autoritária e preconceituosa, que se torna uma das principais inimigas de Gregório de Matos.

Zé Augusto é conhecido como o homem mais temido da cidade, além de ser um poeta mestiço, que representa a voz da cultura popular baiana na corte portuguesa, a curiosidade de Marta sobre ele a leva a descobrir segredos sombrios sobre a cidade e sua história.

Bento Teixeira: Poeta português que é o rival de Gregório de Matos na corte baiana. É um personagem importante na trama, que representa as diferenças culturais e sociais entre os poetas portugueses e brasileiros da época.

Além disso, Marta também precisa lidar com a opressão e a intolerância da sociedade da cidade, que discrimina pessoas de origem indígena e quilombola. Marta se torna uma defensora da justiça e da igualdade, e luta contra a discriminação e a opressão que enfrentam essas comunidades.

Ao mesmo tempo, a história também aborda temas como a amizade, o amor e a superação de desafios. Marta se aproxima de novos amigos, como a jovem quilombola Janaína, e aprende a valorizar sua própria identidade e história. Ela também descobre o significado de verdadeiras amizades e amor, e como esses sentimentos podem ajudá-la a superar desafios e adversidades.

Em resumo, Boca do Inferno é uma obra que retrata a história de Marta, uma jovem que se muda para uma pequena cidade no interior do Brasil e precisa lidar com as diferenças culturais e a intolerância da sociedade. A história aborda temas como a amizade, o amor, a justiça e a luta contra a opressão e a discriminação. Ao longo da história, Marta aprende a valorizar sua própria identidade e história, e a superar desafios e adversidades.

4.O Karaíba: Uma História Pré-Brasil - Munduruko, Daniel

1ªED.(2018)

"O Karaíba: Uma história do pré-Brasil", escrito por Daniel Munduruku, é uma obra fascinante que oferece uma visão única e cativante sobre a história do Brasil antes da chegada dos colonizadores europeus. Publicado pela editora Manole em 2010, o livro possui 94 páginas que contam a história de forma envolvente e acessível para todas as idades.

A narrativa é apresentada sob a perspectiva de Karaíba, um sábio ancião indígena que relata a trajetória do povo nativo e suas ricas tradições culturais, espirituais e sociais. Através das palavras de Karaíba, o autor resgata memórias ancestrais e revela um panorama autêntico e emocionante do pré-Brasil, muito além do que é ensinado nos livros de história tradicionais.

A escrita de Daniel Munduruku é poética e repleta de sabedoria, proporcionando uma conexão profunda com a cultura e a espiritualidade dos povos originários. Através das páginas, somos convidados a refletir sobre a riqueza da diversidade cultural do Brasil e a importância de respeitar e valorizar as tradições dos povos indígenas.

A edição da editora Manole é cuidadosamente apresentada, com

ilustrações e elementos gráficos que enriquecem a experiência de leitura. Os 94 páginas do livro são uma viagem no tempo, transportando o leitor para uma época fascinante da história brasileira.

Em resumo, "O Karaíba: Uma história do pré-Brasil" é uma leitura essencial para quem deseja conhecer a história e a cultura dos povos indígenas do Brasil antes da colonização europeia. A escrita envolvente de Daniel Munduruku, aliada à edição cuidadosa da Manole, torna este livro uma joia literária que resgata memórias e saberes ancestrais, oferecendo uma perspectiva poderosa e transformadora sobre a identidade do Brasil e sua história indígena. É uma leitura que inspira respeito, reflexão e admiração pela riqueza cultural e espiritual dos povos nativos que moldaram a história pré-colonial deste vasto país.

5. CRONISTAS DO DESCOBRIMENTO, DE ORG. ANTÔNIO CARLOS OLIVIERI E MARCO ANTONIO VILLA

Sinopse: *Reunindo textos de onze autores do século XVI, esta antologia apresenta um panorama abrangente dos primeiros contatos dos europeus com o território brasileiro e com os povos indígenas. Começando pela carta de Pero Vaz de Caminha, a coletânea traz, entre outros, trechos de obras de Hans Staden, Jean de Léry, Anchieta, Manuel da Nóbrega e Pero de Magalhães Gândavo.*

O livro *Cronistas do Descobrimento* é uma antologia organizada por Antônio Carlos Olivieri e Marco Antonio Villa, com introdução ponderada e didática, apresentando um panorama dos textos produzidos pelos cronistas do século XVI.

Os autores selecionaram passagens de mais de doze obras apresentando um panorama abrangente dos primeiros contatos dos europeus com o território brasileiro e com os povos indígenas, dando-nos oportunidade de conhecer fatos sobre o nascimento do Brasil através da palavra de quem viveu os acontecimentos. Os textos dos cronistas se parecem com uma grande obra de aventura, que nos surpreende a cada passo.

A obra reúne trechos começando pela *Carta de Achamento* de Pero Vaz de Caminha, e encontramos entre outros, trechos de obras de Hans Staden, cartas de jesuítas como José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, além de Pero de Magalhães Gândavo. Narrativas menos citadas, como a do Piloto Anônimo e dos franceses Thevet e Léry são incluídas.

São textos interessantes que apresentam as impressões de europeus sobre o país e seus habitantes.

A obra descreve os hábitos e as riquezas naturais do Brasil de quinhentos anos atrás; uma natureza rica em pau-brasil, árvores frutíferas, diversidade de animais que não eram conhecidos pelo homem europeu e que despertou o interesse de conhecer cada vez mais o que era realmente o Brasil. Com isso, começou-se um processo de exploração, retirando da nossa terra o que ela possuía de melhor, através do intenso trabalho dos índios, que entregavam nossas riquezas em troca de utensílios sem valor. A admiração dos portugueses pelos índios transformou-se em ambição e avareza, levando-os a acabar com a cultura indígena, provocando assim a aculturação: o índio abandona seus hábitos e costumes para absorver a cultura europeia imposta a eles.

Gabriel Soares de Sousa, um dos cronistas cujo texto está inserido nesta obra, tece considerações críticas a respeito da liberdade excessiva dos índios, evidenciando uma sociedade livre, portanto não regida por leis de controle social, fato que dificultava o domínio mais prático e intensivo sobre o habitante local. O texto de Gabriel também nos revela o paradoxo sustentado no fato de que a catequese ou conversão do índio ao cristianismo não está relacionado a um estado de consciência de fé, por parte do Gentio.

Pode-se observar nos textos dos cronistas do descobrimento, que versam, em boa parte, sobre a questão do desrespeito às tradições culturais e intelectuais de um povo – basta lembrar a visão do índio como destituído de saber, de tradição e de cultura a reforçar a discriminação dos valores do povo conquistado, nas inúmeras cartas e nos relatos da época do descobrimento

6. Autos e Farsas de Gil Vicente

Auto da Barca do Inferno

Escrita em 1517, *O Auto da Barca do Inferno* ou *Auto da Moralidade* é uma obra de dramaturgia, cujo autor humanista era Gil Vicente, um escritor português, considerado o pai do teatro português.

Foi encenada em 1531 e faz parte da Trilogia das Barcas, ao lado do *Auto da Barca do Purgatório* e o *Auto da Barca da Glória*.

É importante frisar que “auto” é um gênero que surgiu na Idade Média, caracterizados por textos curtos de temática cômica e quase sempre formados por um único ato.

Resumo e Análise da Obra

Por meio da presença de dois barqueiros, o Anjo e o Diabo, eles recebem as almas dos passageiros que passam para o outro mundo.

A cena passa-se num porto e, portanto, um dos barcos vai em direção ao céu, e outro para o inferno.

A maioria dos personagens vão para a barca do inferno. Durante suas vidas não seguiram o caminho de Deus, foram trapaceiros, avarentos, interesseiros e cometeram diversos pecados.

Por outro lado, quem seguia os preceitos de Deus e viveu de maneira simples vai para a barca de Deus. São eles: Joane, o parvo, e os quatro cavaleiros.

O *Auto da Barca do Inferno* é um grande clássico da literatura portuguesa. Ele possui diversas sátiras envolvendo a moralidade.

Pelo destino das almas de alguns personagens, a obra satiriza o juízo final do catolicismo, além da sociedade portuguesa do século XVI.

A alegoria do juízo final é um recurso utilizado pelo dramaturgo através de seus personagens (diabo e anjo).

Além disso, cada personagem possui uma simbologia associada à falsidade, à ambição, à corrupção, à avareza, à mentira, à hipocrisia, etc.

Personagens e seus Pecados

- **Diabo:** capitão da barca do Inferno.
- **Anjo:** capitão da barca do Céu.
- **Fidalgo:** tirano e representante da nobreza. Teve uma vida voltada para o luxo e vai para o inferno.
- **Onzeneiro:** homem ganancioso, agiota e usurário. Por ter sido um grande avarento na vida ele vai para o inferno.
- **Joane, o parvo:** personagem inocente que teve uma vida simples. Portanto, ele vai para o céu.
- **Sapateiro:** homem trabalhador, mas que roubou e enganou seus clientes. Assim, ele vai para o inferno.
- **Frade:** representante da Igreja, que vai para o inferno. Isso porque ele tinha uma amante, Florença, e não seguiu os princípios do catolicismo.
- **Brígida Vaz:** alcoviteira condenada por bruxaria e prostituição que vai para o inferno.

- **Judeu:** personagem que foi recusado pelo Diabo e pelo Anjo por não ser adepto ao Cristianismo. Por fim, ele vai para o inferno.
- **Corregedor e Procurador:** representantes da lei. Ambos vão para o inferno, pois foram acusados de serem manipuladores e utilizarem das leis e da justiça para o bem e interesses pessoais.
- **Cavaleiros:** grupo de quatro homens que lutaram para disseminar o cristianismo em vida e portanto, são absolvidos dos pecados que cometeram e vão para o céu

Para compreender melhor a linguagem utilizada pelo escritor, confira abaixo alguns trechos a obra:

Trecho 1

*“DIABO À barca, à barca, houlá!
que temos gentil maré!
- Ora venha o carro a ré!
COMPANHEIRO Feito, feito!
Bem está!
Vai tu muitieramá,
e atesa aquele palanco
e despeja aquele banco,
pera a gente que virá.”*

Trecho 2

*“ANJO Ó cavaleiros de Deus,
a vós estou esperando,
que morrestes pelejando
por Cristo, Senhor dos Céus!
Sois livres de todo mal,
mártires da Santa Igreja,
que quem morre em tal peleja
merece paz eternal.”*

FILMES

1. A MISSÃO. Título Original: The Mission. Ano de produção (1986). Dirigido por Roland Joffé. Estreia 1986 (Brasil). Duração: 126 minutos. Gênero: Drama. Países de Origem: Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. Dirigido por Roland Joffé. Classificação etária: 12 anos.

Baseada em fatos, o filme lançado em 1986, caracteriza-se como sendo uma obra inglesa, cuja temática retrata a época da expulsão dos jesuítas do reino português devido à crise nas relações entre Coroa portuguesa e a Companhia de Jesus. No século XVIII, na América do Sul, o padre jesuíta Gabriel (Jeremy Irons) monta uma missão na tentativa de converter os índios da região. Junta-se a ele Rodrigo Mendonza (Robert De Niro), um violento ex-mercador de escravos. Marcado pela vertente do cinema autoral, deixada um pouco de lado nessa produção uma vez que conta com grandes nomes do cinema, Joffé nos apresenta o filme A Missão retratando

o ano de 1750, época em que as colonizações espanholas e portuguesas buscavam escravos indígenas.

Disponível em <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes/a-missao.htm>>

2. GREGÓRIO DE MATTOS. Ano de produção: 2001. Direção: Ana Carolina. Estreia em 2003 (Brasil). Duração: 70 minutos. Gênero: Drama. País de Origem: Brasil.

Filme baseado na biografia do poeta Gregório de Mattos (O Boca do Inferno). Com sua obra e vida trágicas anuncia o perfil tenso e dividido do povo brasileiro no século XVII. A partir de sua produção literária, o poeta cria situações desconfortáveis aos poderosos da época, que passam a combatê-lo até transformar sua vida em um verdadeiro inferno. Apesar de não ser rigorosamente fiel à biografia de seu protagonista, o filme fala sobre a vida do desafiador poeta Gregório de Mattos, conhecido por seus inimigos como “Boca do Inferno” por não medir palavras para satirizar os costumes da sociedade baiana do século XVII. O filme revela a trajetória de um dos principais poetas brasileiros do século 17. Amado e odiado, Gregório de Mattos é conhecido como Boca do Inferno, em função de suas poesias satíricas e violentos ataques pessoais.

Disponível

<http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=11996>

3. PALAVRA E UTOPIA. País de origem: Brasil, Espanha, Itália, França, Portugal. Ano: 2000. Duração: 130 minutos. Gênero: Drama. Direção: Manoel de Oliveira. Roteiro: Manoel de Oliveira. Fotografia: Renato Berta.

O padre Antônio Vieira veio ao Brasil colonial do Século XVII e se deparou com um povo oprimido por aqueles que julgavam seus compatriotas. Em defesa dos índios, ou no que acredita ser, o padre começa uma verdadeira cruzada para lhes garantir ensinamentos e proteção. **Palavra e Utopia** apresenta o trabalho do padre português Antônio Vieira, famoso pelos seus sermões e pela sua luta solitária em defesa dos índios e negros no Brasil durante o século 17.

O eloquente pregador jesuíta sofreu punições da Santa Inquisição, principalmente após a morte do rei D. João IV, de quem era amigo. Apesar de proibido de falar pelo Tribunal do Santo Ofício, foi livrado da condenação pelo próprio Papa, movido pela boa reputação do padre. Por fim, com D. Pedro no trono, Antônio Vieira decide passar a última fase de sua vida no Brasil.

Palavras acima de imagens

Essencialmente, o filme privilegia mais as palavras do que as imagens. Ou seja, os textos escritos pelo Padre Antônio Vieira são recitados integralmente, ora somente com a narração, ora com a

atuação dos atores. Aliás, o protagonista é interpretado por três atores. Na juventude, por Ricardo Trêpa, em idade madura por Luís Miguel Cintra, e, na velhice, por Lima Duarte. Nesse sentido, nos trechos narrados surgem na tela imagens do oceano, quadros ou outras, enquanto nas atuações, a câmera permanece fixa, com alguma variação de planos, enquanto o padre fala no púlpito, em reuniões, ou outros cenários.

Além disso, alguns dos acontecimentos na vida do padre são explicados através da forma escrita, em cartelas. Em suma, quanto ao visual, o destaque fica mesmo para a fotografia de Renato Berta. Nesse quesito, **Palavra e Utopia** transporta o espectador para o contexto das cenas, muitas delas acontecendo em antigas igrejas com paredes de pedra. Por outro lado, a sobriedade da maioria dos trechos, como a sequência do tribunal de Coimbra, contrasta com a ousadia do soft focus das primeiras cenas com a presença do ator Lima Duarte.

4. CARAMURU: A INVENÇÃO DO BRASIL. Título Original: Caramuru – A Invenção do Brasil. País de Origem: Brasil. Gênero: Comédia. Tempo de Duração: 85 minutos. Ano de Lançamento: 2001. Estúdio/Distrib. Sony Pictures. Direção: Guel Arraes. Classificação etária: 12 anos. Portugal, século 16.

Após ser enganado pela sedutora Isabelle, o jovem Diogo é deportado para o Brasil, mas sua caravela naufraga. Por milagre, ele é salvo pelo cacique Itaparica. Em terras brasileiras, ele passa a ser chamado de Caramuru e vive um harmônico triângulo amoroso com as duas filhas do cacique, Moema e Paraguaçu. O filme tem como ponto central a história de Diogo Álvares, artista português, pintor talentoso, responsável por uma das lendas que povoam a mitologia brasileira — a do Caramuru.

Diogo Álvares, artista português, pintor talentoso, responsável por uma das lendas que povoam a mitologia brasileira — a do Caramuru. Antes, porém, Diogo é responsável por uma confusão envolvendo os mapas que seriam usados nas viagens de Pedro Álvares Cabral. Contratado por Dom Jaime, o cartógrafo do rei, para ilustrar o precioso documento, ele acaba sendo joguete de uma francesa, Isabelle, que vive na corte em busca de ouro, poder e bons relacionamentos. Ela rouba-lhe o mapa e o artista é deportado. Na viagem, Diogo conhece Heitor, um degredado cult, quase precursor do que hoje em dia se conhece como mochileiro. Como muitas caravelas que se arriscavam, a de Vasco de Athayde naufraga. mas Diogo consegue chegar ao Brasil e o infortúnio acaba sendo um auxílio para dar início à história de amor entre ele e Paraguaçu, a índia que conhece ao chegar ao novo mundo, ao paraíso bíblico sonhado.

O romance entre o descobridor e a nativa é, de fato, a história do triângulo amoroso entre Diogo, Paraguaçu e sua irmã Moema. Os três viviam em perfeita harmonia, sob os olhares do cacique Itaparica. Algum tempo depois, no entanto, Diogo é indagado a ir embora para a França para se casar com a maquiavélica marquesa Isabelle. Apaixonadas, Paraguaçu e Moema mergulham no mar

atrás da caravela, mas só Paraguaçu chega à embarcação. Ela e Diogo continuam sua história de amor, com todos os impactos da cultura europeia na vida de uma linda índia.

